

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevistador: Tiago Celano de Souza Amaral

Entrevistados: Marisa Lewandofsky Castanheira e Adriano Beata Castanheira

São Paulo, 24 de maio de 2024

ADRIANO: É isso. Vou ler, Culinária caipira. Vou tentar ler sem chorar. Muito difícil ler as coisas do meu pai sem chorar. Mas essa é alegre. Então, angu de fubá bem grosso, muito tutu e torresmo é tudo o que eu quero mesmo na mesa posta do almoço. E que a minha janta tenha pra ficar leve meu fardo. A galinha de molho pardo feita no fogão a lenha quero café de chaleira e couve bem picadinha na banha que se cozinha na nobre terra mineira. Finalmente, a sobremesa de goiabada com queijo vai matar o meu desejo. Compensar minha magreza. Como não me quero insosso, vou beber muita cachaça. Importa sair com graça do fundo desse meu poço. Quero mesmo um trem assim. Esse cardápio lembrança que me resgate criança bem lá no fundo de mim. Agora choro. Eu acho muito bonitinho porque. Tem no velho um resgate no menino que ele não conseguiu ser em tudo, tudo, tudo. Então eu acho bonito porque ele virou um adulto muito bonito pra criança, que ele não foi. Então acho que ele foi, teve muita inteligência e não ficar o cara torto assim sabe? É isso.

MARISA: Cê gravou isso que o Adriano falou?

MARISA: Bom, essa poesia que eu vou ler faz parte da Antologia Poética do Magnus, Meu marido, e é uma das minhas preferidas. Chama-se Inventário Íntimo. Uma parte minha, insignificante, deixei pelos caminhos em prosaicos acidentes de percurso, outra de peso maior, eliminei-a eu mesma, aos poucos, descuidadamente, com o auxílio dos vícios que assumi de maneira declarada ou que secretamente me abraçaram. Por fim, o meu último pedaço, minha porção de porcelana estilhaçou se ou foi dissipada de forma definitiva e múltipla por aqueles que mais amei. Inconsciente ou conscientemente, com o agravante do esquecimento ou com o requinte do desprezo. Agora na memória devassada, filtrada pela teia tecida pelo desgosto. Apenas essa lembrança de seu rosto pálida sobre meus restos como réstias de sol posto.

TIAGO: Certo bom, se vocês dois puderem se apresentar e falar a relação de vocês que cada um de vocês tinham com o Magnus.

MARISA: Bom, eu sou a esposa dele. Nós fomos casados 49 anos. Ele morreu um ano antes de nós completarmos as bodas de ouro e foi um casamento interessante, de muita parceria, muita amizade. E tivemos três filhos bonitos, agora adultos, quatro netos. E o Magnus é uma pessoa, eu acho que a principal marca dele, a principal qualidade dele, ele tinha muitas mais era a honestidade, honestidade, integridade e principalmente a capacidade que ele tinha de servir as pessoas. Ele estava sempre pronto a ajudar, socorrer, correr atrás, levar pro hospital, fazer o que tivesse que fazer a vizinhança toda adorava ele. Em todos os lugares que nós moramos ele era o queridinho, principalmente das mulheres.

ADRIANO: Ele só perguntou quem você é e a sua relação

TIAGO: Não, Mas isso é bom

MARISA: Esposa dele é amiga dele, principalmente amiga e principalmente amiga companheira dele. Nós éramos muito companheiros e vivemos juntos 52 anos ao todo. Considerando o tempo de namoro. Uma vida inteira.

ADRIANO: Adriano: Filho.

TIAGO: Okay... Certo. Bom, eu acho que podemos começar com um pouco da história dele. O que vocês podem contar? Enfim, essas coisas de infância e principalmente você. Esses tempos de mais jovem, meio que história de vida básica. Sim, isso faz sentido?

MARISA: Bem, nesse caso acho que eu sou a mais indicada. O Magnos é o quinto filho de um casal do interior de Minas, Conselheiro Lafaiete. O pai dele era caixeiro viajante, a mãe vivia sozinha e a mãe dele morreu aos 33 anos, com uma série de problemas de saúde. Ele tinha sete anos. O pai distribuiu os filhos entre parentes no colégio interno e ele ficou sendo jogado de um tio para o outro, de uma pessoa para outra. Até que o pai se casou novamente. Ele ficou morando com uma madrasta que não gostava dos filhos. Dos enteados. E aí eles mudaram para Belo Horizonte e lá ele estudou aos trancos e barrancos e começou a trabalhar. E depois, num determinado momento, resolveu vir para o Rio de Janeiro, onde continuou o trabalho dele e acabou parando aqui em São Paulo. Nós nos conhecemos o trabalho e começamos como amizade, depois namoro, casamos e aí fomos construindo a nossa vida com muita dificuldade, com muita luta e ele sempre foi um homem muito trabalhador, excelente pai. Tá aqui o Adriano, que não me deixa mentir. Basicamente é isso.

ADRIANO: É o que eu tenho para falar dele nesse sentido, é. O que eu sei dele de criança, de coisa, de família? Ele nunca sentou e me contou. São coisas que a gente vai pescando assim e vai construindo essa infância dos pais. Por isso que eu adoro todas as histórias que ele me contava. Eram incríveis das que você me conta da sua infância. Assim, a gente que não viveu a infância dos pais constrói essa infância nas histórias. Que cês contam

MARISA: Ele nunca foi um pai assim, de sentar para brincar. Mas ele participava de tudo na escola, sua associação de pais, e levava esses filhos para todos os parques, museus e exposições. O Adriano, muito pequeno, ele já identificava as grandes obras, os grandes pintores, os grandes artistas, graças a um estímulo que o pai dava. Então, ele era um pai muito participativo. Nunca foi de fazer uma lição de casa ou de dar uma comidinha na boca, Nada disso. Mas nos outros, os aspectos culturais. Ele participou em 100%.

TIAGO: Falando nos aspectos culturais, obviamente ele sempre teve essa conexão artística. Ele sempre produziu poesia e também desenho. Quando você conheceu ele, obviamente, quando você nasceu.

MARISA: Essa, essa veia artística dele sempre esteve latente. Ele é adolescente, participava de corais e Belo Horizonte sempre desenhou. Nós temos aí as peças que ele desenhou ainda adolescente mesmo depois, na juventude, quando ele veio para São Paulo, ele entrou na Escola Panamericana de Arte. Foi um brilhante aluno. O professor dele. Na festa de encerramento do final de ano, ele chegou para mim e falou assim Olha, se você for inteligente, você vai trabalhar e deixa esse homem só pintando, porque ele vai ser reconhecido mundialmente, ele é um artista. As obras dele foram todas confiscadas pela Escola Panamericana de arte. Ficamos com nada praticamente, porque entrou para o acervo da escola. E assim essa veia poética também vem de muito novinho. Desde. Temos aí

também coisas que ele escreveu na adolescência. Então ele sempre foi um artista, tanto na pintura, desenho como a na poesia.

ADRIANO: Eu lembro desde pequenininho de ver os desenhos. Ele sempre teve essa pasta de desenhos que ele fez na Escola Panamericana e na vida de antes de eu nascer. Então depois, com os filhos, já veio. Ele não pintava mais tanto, não desenhava mais tanto, foi mais, foi mais pra poesia. Mas eu adorava ficar folheando a nessa pasta cheia de desenhos, um monte de desenho muito incrível, assim, de vários tipos assim. E o lance da poesia. Desde molequinho. Ele tinha um grupo lá de amiguinhos, os aedos, que ele chamava de Os azedos, e eles já brincavam de poesia desde muito pequeno. Assim, a galera com 11, 12 anos, 13 anos, já estava ligada na poesia. Então acho que ele sempre teve isso de uma coisa que eu acho muito legal e que pra mim, nesse sentido, ele sempre foi um norte estético de palavra e de formas estético de imagem também. Mas ele nunca foi musical. E então eu acho engraçado porque eu acabei indo para um lugar onde ele não é minha referência.

TIAGO: Assim eu ia até te perguntar isso, mas você é artista e você é músico. Como você acha que o seu pai te influenciou nisso? Nessa nesse encontro com a arte?

ADRIANO: Eu acho que sempre teve ele, sempre foram muito consumidores de cultura de um modo geral. Então acho que a maior influência deles dois é a liberdade. Assim, de consumo, sabe? Mostraram de tudo, de tudo e deixaram eu e minhas irmãs escolher livremente. Então, nesse sentido, a gente, a música, foi naturalmente, não teve influência dele, teve influência da sua mãe mais do que dele. Do seu vô né? Mas eles sempre deixaram e eu sempre aqui. Me senti muito livre para fazer e gostar do que eu quisesse. Isso. Isso para mim é o mais influente.

TIAGO: Certo: Eu tenho uma pergunta que talvez eu deveria ter feito mais cedo, porém, que eu quero perguntar. Eu queria que cada um de vocês falasse um pouco sobre a primeira, Alguma das primeiras memórias que você tem que vocês têm com ele? Você quando conheceu ele. Você quando era criança? Alguma, alguma memória?

MARISA: Eu tenho uma das primeiras memórias com ele. Ele era apaixonado. Louco pelo Carlos Drummond de Andrade e ele Uma vez eu não sabia que o Carlos Drummond de Andrade era mineiro e quando Ele descobriu que eu não sabia Ficou muito bravo. Como que você não sabe? Agora a minha memória mais antiga? Que eu tenho dele foi logo que nós nos conhecemos. Eu tive que fazer uma cirurgia de amidalite e enquanto eu fiquei em casa convalescendo, ele me deu o livro de poesias do Vinícius de Moraes e estava marcado aquela bela poesia Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que conquistas

ADRIANO: Essa aqui é o pequeno príncipe.

MARISA: Não? Então que.

ADRIANO: Naquela de tudo meu amor seria.

MARISA: Isso mesmo. Aí ele me deu o livro e estava marcado aquela poesia lá, que era para eu ler, que ele já estava apaixonado.

ADRIANO: Eu lembro de pequenininho, bem pequenininho, brincar com ele na cama, não de lutinha, mas de ele subir em cima de mim. Exatamente igual eu fiz com meus sobrinhos, exatos. E eu adorava. Os meus sobrinhos adoram.

TIAGO: Certo. Bom, vamos conversar um pouco sobre os desenhos. Eu tenho uma memória muito vívida dele me mostrando os desenhos dele e falando tipo isso. Aqui está uma obra horrível e. Isso nunca fez sentido pra mim, porque todos eles estavam lindos, mas uma coisa que eu noto, obviamente na minha própria memória, é que ele sempre acho que ele foi mais público com relação aos poemas do que em relação aos desenhos. Vocês podem falar sobre a relação que ele tinha com cada uma das coisas.

ADRIANO: Eu tenho uma opinião sobre isso. Eu tenho uma opinião sobre isso. Quando eu fui fazer, quando eu fui estudar música, eu descobri que o buraco era muito mais embaixo. Então ele estudou pintura, Então acho que ele viu tudo aquilo muito mais baixo. E aí eu Ah, isso é uma coisa de você ser bem sucedido, é outra. Então eu acho que ele não via. Ele via que ele nunca ia ser o mesmo talento do que os caras que ele via na academia e isso não acontecia tanto na poesia, na poesia. Eu acho que ele.

MARISA: Se arriscou mais.

ADRIANO: Não era a poesia. Acho que ele convivia com pessoas que eu acho que ele considerava que não eram tão boas quanto as que ele via se expressando na arte. Quando estudou. Sabe o sarrafo que ele viu na pintura? Nas artes plásticas era mais alto e ele já estava ali, já tinha um sarrafo altíssimo na literatura, sabe? Então ele via as coisas dele pintadas das artes plásticas como “ah isso aqui é muito ruim, muita gente faz muito melhor.”

MARISA: A autocrítica dele era uma coisa malvada, malvada e cruel com ele. Ele era cruel com ele mesmo. Ele não gostava de nada que ele fazia quando se poderia, quem fosse elogiar que ele sempre, sempre achava que não estava perfeito. A perfeição para ele não existia, né? E no desenho foi isso que o Adriano falou. Talvez ele. Pra todo lado que ele foi, ele foi elogiado em relação a pintura ultimamente e outros dois últimos anos de vida dele. Ele fazia um curso de desenho aqui aqui perto e o professor era encantado com o trabalho dele, encantado. Mas não adiantava nada porque ele chegava, guardava, não mostrava pra ninguém. A gente via porque ele ia lá buscar.

ADRIANO: Ah, não se deixasse ele não mostrava pra ninguém, que é o um lance que não acontecia na poesia, A poesia fica maturando e se fica ruim, ele pega, joga fora e desencana. O desenho não. O desenho ficava lá e as vezes ficava maturando, mas não ficava ele não gostava, sabe? Não, não está pronto, não está completo não. Mas eu achava tudo ele tinha muito senso estético de proporção e assim, do que estava legal ou não. Porque aí não é questão de tá bom, tá legal sim.

TIAGO: E em relação a poesia. Eu sei que ele foi publicado e premiado várias vezes e que enfim, obviamente vocês leram de um livrinho ou de uma coletânea e tals. E qual era a relação dele com. Enfim, obviamente todos os prêmios e esse lado mais enfim laureado.

MARISA: E ele o primeiro prêmio que ele ganhou foi aquele Prêmio Santander da Maturidade Talentos da Maturidade. Ganhou o primeiro lugar em poesia. Depois eu vou mostrar pra vocês o troféu. E depois ele. Ele participava aqui da da Academia Paulista de Letras e ele começou a participar dos concursos anuais da academia. chamava o interclubes e os clubes de São Paulo mandavam as poesias dos seus associados do Brasil todo e ele ganhou sete vezes, sete vezes em primeiro lugar, o segundo, a maioria em primeiro lugar. Ganhou o segundo lugar e quando ele morreu, ele não queria participar do concurso de 2022. E eu insisti e pedi a interferência de alguns amigos dele lá na academia. Ele acabou entrando com

uma poesia e ganhou o primeiro lugar. O Adriano é que foi o principal, porque ele já tinha muito e então. Mas ele hesitava muito, ele mandava assim, quase que obrigado.

ADRIANO: É que a relação dele como bom poeta, nunca foi uma competição, então a relação dele era não era essa de expor a obra dele. E ele gostava muito de literatura nesse sentido de consumir. Então ele nem queria tanto expor as coisas dele.

MARISA: Esse até que ganhou esse prêmio de Santander, ganhou sete vezes aqui pela Academia Paulista de letras e ganhou duas vezes num concurso literário de Belo Horizonte de Minas. E ganhou outros prêmios também ele, onde ele botava a poesia dele e ele era premiado.

ADRIANO: E teve ano que ele falou. Quer saber? Eu quero participar, vou pegar uma coisa muito velha, que eu tenho. Qualquer coisa ele mandou. Aí ganhou

MARISA: Porque ele era pressionado pelo pessoal da academia, né? Cê não vai entrar? Cê não vai entrar?

ADRIANO: Aí teve ano que ele falou, quer saber? Eu vou chutar o pau, vou mandar uma coisa que não tem nada a ver com o tema aí no último ano. Agora, esse último ano que ele ganhou antes de falecer, ele falou: Eu vou fazer uma coisa nova, não vou mandar uma coisa velha. Aí ele fez. Então ele era bom nisso.

TIAGO: Você mencionou que foi o, o primeiro prêmio que ele ganhou foi um Prêmio Santander de talentos da maturidade, certo? Então ele só começou a realmente mandar os poemas mais tarde na vida.

MARISA: Mais tarde, depois ele fazia. Ele tinha e tinha uma coletânea enorme, já lá no computador, mas ele não mostrava pra ninguém. Aí, quando ele resolveu entrar pra esse concurso que ele ganhou e ele se sentiu mais à vontade para participar de outras.

ADRIANO: Esse livro aqui, esse aqui, no caso eu, farinha do mesmo saco que é a grande antologia dele, que não tem tudo, mas tem 90%, que é uma vida de poesia. Então, uma compilação de tudo que ele foi fazendo. Então tem 1 milhão de haikais, 1 milhão de sonetos, 1 milhão de

MARISA: Ele ganhou o prêmio de haikais também no concurso da Caixa. Ele ganhou o prêmio também

ADRIANO: Então tem de tudo nesse compêndio aqui. Mas é isso. Só depois de veio que ele olhou. Acho que ele olhou esse livro e falou Cara, tem uma obra e as coisa que eu fiz são melhores do que as coisas que eu leio por aí. E a galera me incentivou, né? E eu acho que pra ele foi legal porque acho que nesse nesse lugar tem muita gente que acha muito bom o que faz, mesmo não sendo bom, mas quem é bom mesmo fica quietinho. Então ele viu que as coisas dele são boas, sabe? Acho que ele pôde sentir que a galera entendia as obras dele.

TIAGO: Certo. Bom, estamos terminando esta seção particular da entrevista. Agora a gente vai meio que andar pela casa, mas antes disso vocês tem alguma coisa a acrescentar sobre o que falamos?

ADRIANO: Ah, eu tenho a acrescentar assim que eu acho que nossa família tem uma vontade de pela arte. Sim, é o que eu sinto em mim, sinto nele, sinto em você. É que a gente

tem que usar pra não ficar doido. Se não fosse as artes, eu acho que ele teria ficado muito doido, muito mais cedo. E eu também. Inclusive. Então que a gente use isso assim que a gente tem a consciência de como é importante.

MARISA: É isso aí

TIAGO: É, e estamos gravando. Ok, então me fale sobre as músicas, como começou, como se desenvolveu?

ADRIANO: Eu acho que começou há muito tempo na cabeça da sua mãe. Acho que eu acho que eu também sempre pensei na musicalidade desses poemas, mas aquilo que eu falei, meu pai era muito da palavra, mas ele não era tanto do ritmo. E então eu sempre achei as poesias dele difíceis demais de transformar em música. Muita rima Interpolada assim, uma coisa que não é popular, então nunca foi uma, um buraco que eu pensei em me enfiar. A Renata tem muito mais vivência que eu já já devia ter esse plano. E ela começou quando ela começou antes dele falecer, né? Não deu tempo de ele ver, mas eu acho isso legal demais e não tem a ver só com ele. É maior. E sobre o que fica, né? Isso eu acho muito legal, você corroborar com esse mal que fica, transformar o que fica pra que continue ficando Isso acho muito legal. E aí ela chamou o Alberto, que é o cara que pra mim. Conseguiu transformar as poesias em música. Eu nesse processo estou entrando. Acho que como principal ouvinte, no sentido de ouvinte da obra do meu pai, como principal ouvinte técnico, no sentido do que o Alberto. E aí a sua mãe tem feito que é incrível e tem entrado um pouco como opinante na produção, na parte da confecção, porque já é minha praia. Essa parte de produção musical. Mas eu acho que assim, quem fechou isso aí com chave de ouro foi o Alberto, porque ele tá comprou a ideia muito. Ele é da literatura, ele amou as coisas. O meu pai escreveu Também é fácil gostar, mas ele mergulhou de cabeça. E acho que a Renata tem essa ligação com o meu pai forte do lado, no sentido da arte. Assim, acho que ele é uma referência pra ela o sentido da palavra, né? Então acho que sempre foi o sonho dela, sempre foi o sonho dela. E o Albertinho fechou a chave de ouro. Eu só estou muito mais como apreciador do que qualquer coisa.

MARISA: Mas você faz a parte técnica.

ADRIANO: Faço

MARISA: A sonorização.

ADRIANO: Eu estou gravando, eu estou fazendo essa parte técnica, eu estou gravando, editando e que tem suas dificuldades sim, mas eu não. O Alberto e a Renata estão traduzindo o que as poesias querem dizer em música. Eu acho isso muito difícil, e tá ficando muito lindo. As músicas ficam na minha cabeça um tempão, fico editando, gosto de ouvir. É um olhar muito diferente do que eu já nessas poesias e todas essas poesias, a maioria 90% das poesias. Meu pai em algum momento entrou no meu quarto, falou Adriano, dá uma ouvida nisso aqui. E ele eu já ouvi maioria dessas poesias na voz dele.

MARISA: E ficava lindo.

ADRIANO: Que ficava lindo com aquela voz. Então é muito legal pra mim ver ouvir as poesias de um outro jeito que não é o dele, porque a arte tem isso, uma vez que você faz, ela já chega transformada no outro, já é outra dentro do outro.

TIAGO: Bom, chegamos ao final da entrevista. Algum de vocês vocês querem acrescentar alguma coisa ou dizer alguma coisa?

MARISA: Olha, A única coisa que eu tenho que agradecer e agradecer a você esse carinho, essa e essa, essa lembrança que você teve. De trabalhar a memória do magnos de deixar registrado. Então eu fico muito agradecida.

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevistador: Tiago Celano de Souza Amaral

Entrevistados: Renata Maria Castanheira Celano

São Paulo, 31 de maio de 2024

TIAGO: Gravando. Certo. Você pode começar se apresentando e falando de sua relação com Magnus.

RENATA: Eu sou a Renata, nome completo?

TIAGO: Se você preferir, né

RENATA: Eu sou sobrinha do Magnus e minha relação com ele sempre acho que sempre foi muito legal lá em casa. Nós somos cinco filhos. Eu sou de uma família de cinco filhos. Sua quarta de cinco e o tio Magnus. Era aquele cara que vinha de vez em quando nas férias. Primeiro sozinho e quando eu tinha cinco anos, que foi quando o Flávio nasceu, ele passou a vir com a tia Marisa, aí com a Marisa lá para o Rio. E a gente sempre gostou muito. Ele era um cara que gostava muito da gente, sempre me tratando muito carinhosamente assim. Tinha muito amor pela gente e a gente por ele. A gente se divertia muito. Ele foi o cara que fotografou a nossa infância praticamente toda de uma maneira muito qualificada. Sim, porque ele tirar algumas fotos maravilhosas. Então, a gente tem muita fotografia de infância, muito registro de infância, adolescência. Teve a ver com ele, né? Então, eu sempre tive uma relação de amor assim e admiração por esse lance do jeito dele, assim que ele também era. Era um jeito. Era um jeito que nem sempre era ameno, pelo contrário, as vezes ele dava umas estouradas e e as vezes ele dava umas choradas, tipo quando ele lembrava do passado do avô, das brigas que a gente teve com o Zezé, irmão dele, chorava, eu ficava super enraivecido e ele tinha esse lance desse lado artístico que sempre fascinou a mim e a gente, assim os irmãos. Da fotografia de desenho eu copieei a letra dele, falei que eu copieei a letra de forma dele e uso até hoje. E nesse lance da poesia, assim, muito, muito patente e muito potente. E eu acabei vindo pra São Paulo também, um pouco por causa dele, dele, da família. Morei no começo da minha estada aqui em São Paulo com eles. Depois eu saí, a gente teve um desentendimento ali de eu estar lá, saí de cá da casa deles, mas continuamos muito ligados, muito ligados. Para mim é tipo ele é meu segundo pai. E assim tinha Marisa, minha segunda

mãe. Fora seu Luiz e a Caci, que estão ali no páreo também, porque eles foram super importantes para mim. E isso pra mim, num certo sentido, considero Anita, Alice, Adriana, meus irmãos, Marisa, minha mãe assim sabe e ele, esse cara que a gente sempre teve uma admiração. Acho que a partir de um certo momento ele sempre torceu muito por mim, uma admiração mútua, sabe? Foi em todos os shows que ele pôde ir do beijo. Fez um clipping do beijo. Aliás, nem sei se está comigo. Acho que está.

TIAGO: Explica o que é o beijo.

RENATA: Beijo é o grupo musical vocal que eu cantei um tempo assim, tipo uns oito anos e que até hoje isso tem uns 30 anos e até hoje eu tenho muitos amigos Assim é a minha escola, acho que musical tem muito a ver com essa experiência. Assim que eu tive no beijo, então ele era um fã do beijo, levava toda, toda a família, ia sempre nas apresentações. Até o Adriano talvez tenha falado sobre isso na entrevista, porque ele ficava também fascinado assim, né? O Adriano então é isso. Era um cara que torcia por mim torcia muito mas Tínhamos tensões também, tínhamos umas brigas de vez em quando os arranca rabos assim, porque também às vezes achava ele muito duro assim, na maneira de criticar, sabe? Muito áspero. Mas enfim, debatíamos e. Foi uma tristeza quando ele morreu. Tipo, eu era uma pessoa articuladora da família também, sabe? E é isso. Acho que falei bastante.

TIAGO: Você sente que, como artista, a presença dele teve influência na sua prática, na sua exploração e na sua vida no geral?

RENATA: Super ele. Bom, primeiro acho que eu também tinha e tenho, mas tá bem adormecido assim, um lance com desenho. Quando eu era pequena eu comecei a, tive a fase de pintura de camiseta pintei minha primeira pintura de camiseta assim que era tipo copiando figuras. Foi O Pequeno Príncipe a Mari talvez tenha essa camiseta porque está com ela depois que foi para ela e ele sempre desenhava muito bem ou apesar, eu acho que ele desenhava bem. Só que ele se criticava muito essa coisa do desenho no lance da poesia, era uma relação que ele ele tinha uma relação diferente, assim, mais, mais tranquila, com mais fluxo. Mas enfim, eu admirava pra caramba o desenho dele e eu gostava de desenhar, então já eu olhava para aqueles desenhos assim dele, um pouco assim como acontece contigo. Eu olho para seus desenhos e penso gente, como é que isso foi possível? É um negócio muito bonito e muito difícil, mas eu tinha também uma vontade. Eu dei umas arriscadas assim no lance do desenho da pintura e gosto assim, né? Gosto ainda de desenhar, mas realmente não é o fato, então não faço assim. Mas ele era um, tipo um cara próximo da família que fazia o que ele fazia assim? Eu achava assim muito fantástico, muito, muito super homem e seletor. Ele tinha um pouco esse lugar meio que de super homem na família, sabe? Assim, lá no desenho eu já achava na fotografia também. Fotografia Eu amo fotografar hoje em dia de celular assim, né? Mas ele também me influenciou muito. Achava as fotos dele maravilhosas e aí, sei lá, acho que eu fui um pouco muito no lance da cópia de desenho, talvez, apesar de que, e isso, eu achava que ele desenhava muito melhor do que eu. E também de fotografia. Eu acho que eu tenho o meu jeito assim de fotografar, mas eu também admirava muito esse lance dele fotografar. E aí, num certo momento, aqui, já em São Paulo, comprei uma máquina igual a dele, que era uma Pentax 500. Usei para caramba aqui. Fotografei muito assim, Quando eu cheguei em São Paulo, a cidade assim diferente, o que era muito diferente do Rio, me atraía. E a fotografia era um jeito de olhar para a cidade assim, um jeito de viver a cidade, de registrar. E também era o jeito de registrar, registrar meus sentimentos com relação a cidade. Então eu fotografei muito

em preto e branco aqui, colorido e tal, mas muita coisa em PB um certo momento. E é isso. Eu copiei a a máquina dele e depois desse lance do canto eu nem sei se ele me achava assim uma cantora. Ele admirava o fato de eu cantar e ele gostava de me acompanhar artisticamente. Isso foi super importante porque papai e mamãe não tinham essa relação. Meu pai e minha mãe, propriamente, os de origem, eles tinham uma relação de admiração. Eu já estava aqui em São Paulo quando essa minha carreira musical assim veio mais fortemente lá no Rio. Eu cantava assim em festinha, até no teatro, lá no Rio. E fiz música. Sim, tive aula de piano, tive aula de violão e tal, Mas o lance já floresceu aqui em São Paulo, de cantar, de estar no grupo, de estar em dois grupos, estar em três grupos, cantar em estúdio, cantar no palco e tal. No sábado, começar a dar aula de canto. Foi tudo aqui e a apesar de eles torcerem por mim, era um lance um pouco mais distante. Assim. E ele tinha mais gente, a Marisa e a filha lá e que eu realmente, que torciam, que gostavam, que fluíam assim, sabem das coisas, das coisas que eu fazia. Então teve essa influência, digamos assim, amorosa e de enquanto o público.

TIAGO: E o projeto das músicas, como ele começou e por porque você decidiu conduzir ele?

RENATA: Ele começou um dia que eu estava lá na casa do tio Magnus, num desses almoços de tarde toda de fim de semana. E aí eu comecei a ler para ele as poesias dele. Comecei a ler, fazer uma leitura assim porque não sei, ele trouxe ele, trouxe ele, as poesias. Não é que a gente ficava lendo poesia todo almoço não. Isso foi uma coisa eventual que aconteceu. Só que aí eu comecei a ler e ele começou a ouvir assim eu lembro que a gente ficou num canto assim, perto da mesa do almoço, na mesa do almoço, só nós dois ali, eu lendo, recitando assim as poesias. Aí de repente ele fechou os olhos. E ficou ouvindo assim, sabe? Tipo, aí eu terminava uma, ele. Continua, continua mais uma, mais um. Eu passei. Eu achei muito legal. Ele está gostando de fazer esse recitativo. E eu acho que a poesia quando é falada, ela ganha um outro contorno. Tem uma coisa que você lê por uma poesia. Quando você fala, você cria mesmo uma musicalidade, você cria, você mexe nos elementos poéticos de uma maneira diferente. E ele teve um prazer tão grande de ouvir. E ao ler, quando eu fiquei lendo assim, eu fiquei pensando nossa, que bacana isso daqui, né? Tipo, ritmicamente é interessante porque ele tinha esse rigor assim da métrica muito grande assim, ele tem um monte de haikais, tem um monte de tipos diferentes de métricas poéticas e de estilos poéticos que eu não vou saber te dizer, Mas sei lá, tinha aquela coisa do decassílabo e sabe? Ele tinha um lance muito forte com a métrica poética. E isso tem muito a ver com música, muito bem com a métrica rítmica, né? Então juntou isso. Esse lance de ele ter ouvido assim, de ter curtido pra caramba. Aí eu saí de lá pensando nisso. Nesse dia eu falei Pô, podia musicar alguma coisa dele e essa época eu já tinha enfim conhecido Alberto, que é o violonista amigo meu lá de Tremembé, que mora em Tremembé. E aí o Alberto também é escritor. Eu mostrei para ele e eu falei pra eu, Alberto Roberto e eu acho que eu pedi pro Magnus. Assim, eu falei, eu pensei em musicar algum alguns dos seus poemas. Acho que tudo bem, é claro. Renatinha Claro. Aí falei com o Alberto e o Alberto, mostrei para o Alberto um livreto, sendo que o Magnus que ele em que ele reuniu as poesias premiadas dele, mandei por email pra ele, para o Alberto e o Alberto ficou encantado. Ele já devolveu com uma poesia ou com uma com uma música, que foi o desmemória. A primeira música que é a poesia, é assim. As minhas memórias. Longo labirinto, insípida, história, Corredores tortos. Espécie de teia que retém retalhos claros de poesia, feixes de atos falhos e prisão sombria onde dormem juntos, em total desordem. Meus

muitos defuntos. Depósito, entulho, renques de remorsos, lembranças escuras, poeira das gavetas. Sou um réu confesso. Perdi de propósito a chave de acesso dessa caixa preta. Bom, o Alberto se apaixonou por essa poesia que se chama desmemória. E aí ele já trouxe uma música que ficou assim. Vou cantarolar Mas enfim, tem gravada essa daqui e essa também ainda não está na fase final. Assim, precisava gravar a voz, mas é mais ou menos assim um As minhas memórias longo labirinto insípida a história. Corredores tortos, espécie de teia que retém retalhos claros de poesia, feixes de atos falhos é prisão sombria onde dormem juntos em total desordem, meus muitos defuntos, depósito e entulho quis de remorsos, lembranças escuras, poeira da gaveta. Bom, aí tem um finalzinho, só pra, assim. Enfim, a coisa declamada e a coisa cantada tá meio assim, não aqueci nem nada. Mas enfim. E ficou meio grave. Mas a gente começou a viajar nessa, nesse lance mesmo de pegar as poesias e pensar que a música é um jeito de propagar essas poesias, de difundir, de compartilhar. E também inspirou a gente fortemente a mim e ao Alberto. Alberto entrou e mergulhou nessa história. Assim de cabeça. Ele adorou as poesias do tio Magnus. Eu também. Então aí algumas coisas eu compus musicalmente, outras coisas. Ele.

TIAGO: Você acha que esse processo de inspiração vindo de outras artes, principalmente isso de uma arte de um ente querido, como Como isso influencia como artista? Você diria?

RENATA: Totalmente. Acho que assim essa obra dele me fez pensar em família, me fez pensar na minha vida, no meu passado, no meu presente, no que eu quero com a música, no que eu não estou conseguindo fazer com a música nesse momento também que eu. Essa história de musicar um dos poemas do tio Mário nos veio num período que eu já estava trabalhando no Sesc. Então, portanto, diminuir a minha produção própria produção musical para trabalhar com programação de música no Sesc e. Só que esse, esse lance, esse projeto um pouco aí de conversar com o tio Magnus dessa maneira. E aí ele também morreu no meio do caminho, assim, tipo mais ou menos do início da produção dessas músicas. Assim, ele chegou a ouvir umas duas ou três músicas, eu cantei para ele, ele achou tudo meio difícil assim. Aí eu, depois que ele ouviu assim, eu dei uma simplificada Se eu algumas músicas eu hoje eu já compus de uma maneira mais simples musicalmente, assim. Sei lá, Tipo, menos complexas melodicamente assim. Mas acho que é tipo assim, uma âncora até essa história dele, sabe? Nesse sentido, de continuar fazendo música tipo um tipo de música que para mim é desafiante, que é criar, compor, que é uma coisa que eu não faço com facilidade, tem dificuldade e negociar, vamos dizer assim, criar com alguém, no caso com o Alberto e agora com o Adriano, que entrou. A gente se considera um trio assim que ele entrou no processo de gravação da voz e violão. E aí, como a captação é super importante para ficar nesse registro final assim, né? Então ele também dá palpites e sugestões várias. Assim a gente está claro, assim, absorvendo e conversando, negociando ainda. Então é isso. Eu acho que é a grande fonte de inspiração nesse momento para mim, do fazer musical, na prática, está sendo esse trabalho.

TIAGO: E você acha que esse trabalho também ajuda nessa coisa de preservação da memória e... O Adriano mencionou na entrevista dele que você refaz essa coisa para ela continuar indo sabe. E é isso, preservar a memória. Como você acha que esse trabalho também dialoga com isso?

RENATA: Eu já falei para você do sankofa que é um símbolo adinkra?

TIAGO: Você falou para mim, mas não para, não para a turma de [...]

RENATA: E eu tenho pensado muito, tenho tentado agir. Eu tenho uma ligação com o passado assim, eu não sei se é coisa de câncer mas é isso. O acervo da família, de muitas coisas, muitos escritores e o meu acervo, cartas, bilhetes. Tá tudo aqui, lá no quartinho meio amarfanhadinho Mas tá lá. Uma das minhas querências aí de vida é organizar esse acervo e tornar ele acessível. Eu acho que o sankofa, esse símbolo adinkra, que é um adinkra, é um conjunto de símbolos africanos que vem de Gana, que eles têm conteúdos filosóficos e sobre a vida, filosóficos, sobre a vida, existenciais e filosóficos. E aí o sankofa é um dos mais conhecidos símbolos adinkra, que representa, que eu acho, a cuja figura gráfica um pássaro, olhando para trás, tem outras formas de simbolizar o sankofa, e que está representado assim no em dois, duas figuras parecidas que formam uma espécie de coração. E esse. Essa figura está muito presente em vários portões pelo Brasil, né? Porque é uma tecnologia gráfica africana que veio para cá e foi forjada nos portões brasileiros aí pelos africanos da diáspora negra. O sankofa representa esse pássaro olhando para trás e ele tem um significado que é mais ou menos assim é olhar para trás para pavimentar o presente e construir o futuro, sabe? Então, o caminho do presente é o caminho que se constrói, que se caminha para o futuro. Está ligado a olhar esse passado e de repente, pegar algo que ficou no passado, que você tinha deixado, sabe? E eu acho muito bacana essa e esse ideário aí sugerido pelo Sankofa Por essa, por essa, por esse símbolo adinkra. Eu acho que é aqui que fazer o que então? Assim, suscitar a memória dele, da arte dele é pensar também na minha memória e na minha arte e pensar na sua arte, sabe? E no que? No seu legado já também. Porque afinal, a gente tem uma ligação não só consanguínea com ele, mas também com os avós, os pais do tio Magnus meus avós, seus avós, bisavós. Esse conhecimento todo que a gente tem artístico, eu acho que da família nós dois. Assim, nesse momento estamos e herdamos e estamos praticando de alguma forma a nossa, a nossa, nossa herança artística e estamos agregando com o nosso momento. Você está deixando a sua herança para teus netos. Nesse momento você está agregando conhecimento para eles e da mesma forma, eu sinto que aconteceu isso com tio Magnus e essa herança era ligada à arte. Já vinha de antes. Então a gente tem um quadrinho aqui da vovó Carmen, né, Que a mãe dele que já pintava também, né? Então, então é isso. Eu acho que é super importante a gente fazer essas conexões e respeitar essa memória, sabe? Tipo, tornar digna essa memória é uma coisa que torna a gente dignos também sabe dessa herança de alguma maneira.

TIAGO: É isso, Muito obrigado.